

Tradições do Natal Açoriano



O Natal (tríptico), Domingos Rebelo, 1926 (col. Museu Carlos Machado).

O Natal é a celebração do Nascimento de Jesus em Belém e assinala um ritual secular da cultura cristã, onde a paz e a solidariedade imperam. É também a festa da Família, tempo consagrado ao espírito de união e amizade.

Os preparativos e as vivências inerentes à quadra natalícia revestem-se de intensa simbologia. Cabe-nos aqui referir algumas das tradições do Natal açoriano, em particular de São Miguel, muitas das quais ainda subsistem.

No início do Advento, com as *Novenas do Menino Jesus* começa a preparação espiritual para as celebrações religiosas. Estas orações constituem um eco anunciador da festa da Família, que irmana todos no mesmo espírito de fé. De 16 a 24 de dezembro realiza-se também a *Novena de Natal*, que no passado decorria na igreja, de manhã bem cedo.

Armar o presépio, ou *lapinha*, é outra tradição fortemente enraizada no povo açoriano. Objeto de entusiasmo e admiração, especialmente dos mais pequenos. Em alternativa ao presépio, é costume montar o altarinho do Menino Jesus, que se dispõe sobre a cómoda do quarto principal da casa, ou numa mesa encostada à parede.

Entre o dia de Santa Bárbara e o da Imaculada Conceição, ou então no dia de Santa Luzia, coloca-se a grelar em tigelas e pratinhos, ervilhaca, trigo, milho, tremoço e alpista para, juntamente com laranjas e tangerinas, enfeitar o presépio ou o altar do Menino Jesus.

No passado, nas casas de piso térreo ou de pedra, ramos de criptoméria ou pinheiro, picados e depositados no chão, emanavam um aroma festivo, complementado por

outras verduras dispostas pela casa, como cedro ou incenso. A nível decorativo, ainda hoje na época de Natal são utilizadas em muitas casas açorianas, camélias, estrelícias e outras flores da época.

Relativamente à árvore de Natal, costume de origem pagã que foi assimilado pela nossa cultura, tornou-se também uma tradição desta quadra, sendo no passado enfeitada, entre outros elementos decorativos, com postais de boas festas que vinham das terras de emigração açoriana.

No Natal a mesa é mais abastada. Nos meios rurais, próximo de dia de São Tomé, 21 de dezembro, era costume *matar o porco*, tradição fortemente enraizada que constituía *uma fartura* para a casa. As melhores galinhas e os capões eram também guardados para a consoada e para o dia de festa.



Altarinho do Menino Jesus (col. Museu Carlos Machado).

Em relação à doçaria popular era costume servir sobre uma alva toalha algumas, ou todas, as seguintes iguarias: pão de milho e pão de trigo feitos para a festa, figos passados, massa sovada, alfarrobas, arroz doce, suspiros, laranjas e tangerinas e os gulosos biscoitos de amoníaco e de bicarbonato. Não faltavam também os licores caseiros, ou *mijinha* do Menino, feitos com antecedência para a quadra festiva, em infusões de amora, cascas de laranja, tangerina e limão, entre outras. Todas essas iguarias eram saboreadas durante as visitas da festa, feitas entre família e amigos que, como agora, percorriam as casas uns dos outros para conviverem, admirarem o presépio e tomarem uma *mijinha* do Menino.

Hoje, como no passado, na noite de Natal os sinos chamam os fiéis para a *missa do galo*. Na igreja plena de luz, todos cantam Glória, nasceu Jesus. No final realiza-se a tradicional cerimónia de beijar o Menino. É altura de prestar homenagem, através do ósculo, num preito de amor e gratidão para com o Filho de Deus feito Homem. É tempo de reencontrar a ternura do Menino Jesus. ♦

SÍLVIA FONSECA E SOUSA
MUSEU CARLOS MACHADO
silvia.mb.sousa@azores.gov.pt

O Presépio do Senhor Prior

Completa cem Natais em 2015. Desde 2008 está classificado como 'Bem de Interesse Municipal'. Pertencente à paróquia de N.ª S.ª da Estrela, da Ribeira Grande, é um dos mais antigos e mais apurados presépios movimentados portugueses. Obra de arte coletiva, popular e aberta, a sua temática - sagrada e profana - é transversal a todos os presépios tradicionais. Nele figuram a Natividade, a Visita dos Reis Magos e a Adoração dos Pastores, bem como cenas da vida da Sagrada Família e de Jesus, a par de quadros que retratam o quotidiano ribeiragrandense da primeira metade de novecentos. Ali pontuam sapateiros, pedreiros, lavradores, caiadores, pescadores, a matança de porco e festas do Espírito Santo, mas o que prende a atenção são as representações de ambientes

particulares da paróquia que o alberga, como a procissão do Coração de Jesus, o Cortejo dos Reis, um arraial na Cascata, a igreja da Matriz, o Teatro local, os moinhos de água, o edifício da Câmara, o Jardim Municipal, o Parque Infantil, a Fábrica de Laticínios ou as icónicas Cavalhadas de S. Pedro.

Parecendo à primeira vista um presépio igual a tantos outros, um segundo olhar mais atento descobre-lhe características distintas: primeiro, a herança das maqui-netas movimentadas setecentistas, depois, o legado do *Arcano* de Madre Margarida do Apocalipse. O seu iniciador foi o Prior Evaristo Gouveia (1885-1957), natural da Lagoa, que durante 41 anos paroucou na Matriz de N.ª S.ª da Estrela; a ele sucedeu o Padre Manuel de Medeiros Sousa, que



Presépio (col. Museu da Ribeira Grande).

continuou a organizar o Presépio a cada Natal, até que, já em 1985, foi entregue à guarda do Museu Municipal, que o conserva e dá continuidade. É obra de vários autores, colaboradores e refazedores. No tempo do fundador foram seus principais

responsáveis Manuel Pacheco e o chamado "Caixinha de Lustre"; depois, no do continuador, Silvério Faria, Luís Cabral, Gualberto Faria e outros; e, já no museu, José Salvador Pacheco. Os seus quadros são feitos à maneira popular, recorrendo ao barro, à madeira, a têxteis e mesmo ao plástico, estando apenas três peças assinadas e datadas. Luís Gouveia, afamado barrista e bonecreiro lagoense, sobrinho do Prior Evaristo, foi o autor de algumas das primeiras figuras. ♦

MÁRIO MOURA
DOUTORANDO EM HISTÓRIA
mariomoura@cm-ribeiragrande.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura